

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

**EDNAMAR FONTANA VIDOTTO**

**LITERATURA DE CORDEL E XILOGRAVURA NO ENSINO DA ARTE:  
conhecendo o artista Arnaldo Estevam**

**CRICIÚMA**

**2011**

**EDNAMAR FONTANA VIDOTTO**

**LITERATURA DE CORDEL E XILOGRAVURA NO ENSINO DA ARTE:  
conhecendo o artista Arnaldo Estevam**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Mestre Aurélio Regina de Souza Honorato

**CRICIÚMA**

**2011**

**EDNAMAR FONTANA VIDOTTO**

**LITERATURA DE CORDEL E XILOGRAVURA NO ENSINO DA ARTE:  
conhecendo o artista Arnaldo Estevam**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, xx de dezembro de 2011

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Aurélio Regina de Souza Honorato - Mestre - (UNESC) - Orientadora

Prof<sup>a</sup>. Angélica Neumaier - Especialista - (UNESC)

Prof<sup>a</sup>. Maria Marlene Milaneze Justi - Especialista - (UNESC)

Nasci e vivo na roça  
Sempre peguei no pesado  
Quando me pinta uma folga  
Faço meu verso rimado  
Também não deixo de ser  
Um homem civilizado

Mas além de fazer versos  
Levo a coisa mais pra frente  
Passear e bater papo  
me deixa muito contente  
E quando estou no meu dia  
Gosto de uma trova decente

**Arnaldo Estevam**

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico este meu trabalho de pesquisa a minha mãe e o meu pai (em memória) por todo amor e dedicação para comigo, componentes fundamentais para que eu tenha me tornado a pessoa que sou hoje.

Ao meu esposo, pelo carinho e apoio dedicados em todos os momentos que precisei.

Aos meus irmãos, pelo amor e carinho oferecidos. Também ao pai do céu que está em todos os momentos me dando forças para cumprir mais uma etapa em minha vida, iluminando meus caminhos.

Aos amigos que fiz durante o curso, pela amizade que construímos juntos nestes quatro anos de estudos, obrigada.

Agradeço a Escola Alda Santos Vargas de Sombrio, a professora de Artes, aos alunos - sem eles não teria finalizado meu projeto de pesquisa.

Ao poeta Arnaldo Estevam, pela sua disponibilidade em aceitar e contribuir com meu trabalho com seus maravilhosos poemas de cordel, sendo fiel à cultura popular.

A todos os professores do curso de Artes Visuais da Unesc, pela paciência, dedicação e ensinamentos disponibilizados nas aulas. A cada um, de forma especial, que contribuiu para a conclusão de minha formação profissional.

Agradeço de coração a minha orientadora, Aurélia, pelo carinho, compreensão e dedicação que sempre teve para comigo, em especial na trajetória desta pesquisa.

E também a todos que contribuíram, direta e indiretamente, o meu muito obrigada.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo de pesquisa analisar se os alunos de Sombrio reconhecem a cultura local, com base na Literatura de Cordel do artista Arnaldo Estevam, baseadas nas produções de xilogravuras. Diante disso trago como problema de pesquisa a seguinte pergunta: os alunos de Sombrio reconhecem a cultura local baseada na literatura de cordel do artista Arnaldo Estevam, por meio da xilogravura? Para responder à pergunta de pesquisa e os objetivos da monografia foi convidado o poeta sombriense Arnaldo Estevam para relatar as suas histórias aos alunos a fim de motivá-los a trabalhar com a xilogravura. A metodologia utilizada foi a descritiva, com pesquisa de campo, em que o artista foi até a escola no dia 20 de setembro e relatou à turma três de seus contos de cordéis. Na aula seguinte, dia 27 de setembro, os alunos foram divididos em equipes para contar as histórias do autor em forma de xilogravura. Os resultados alcançados no desenvolvimento das atividades indicam que trabalhar com cordel e xilogravura em sala de aula foi extremamente positivo. Diante disto pode-se afirmar que a literatura de cordel é um gênero que pode ser uma boa oportunidade para o aluno ter contato com esta experiência cultural popular.

**Palavras-chave:** Literatura de cordel; xilogravura; ensino da arte; cultura regional.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Folhetos em cordel .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 2 – Xilogravura antiga.....	<b>Erro! Indicador não definido.7</b>
Figura 3 – Poeta Arnaldo Estevam.....	19
Figura 4 – Doutor Barroso.....	21
Figura 5 – Enterro de antigamente .....	23
Figura 6 – Arrailfest .....	<b>Erro! Indicador não definido.25</b>
Figura 7 – Xilogravura: a história de vida do poeta I .....	36
Figura 8 – Equipe 1 .....	36
Figura 9 – Xilogravura: a história de vida do poeta II	<b>Erro! Indicador não definido.37</b>
Figura 10 – Equipe 2 .....	37
Figura 11 – Xilogravura: a história de vida do poeta III .....	38
Figura 12 – Equipe 3 .....	<b>Erro! Indicador não definido.38</b>
<b>Nenhuma entrada de sumário foi encontrada.</b> Figura 14 – Equipe 4.....	<b>Erro!</b>
<b>Indicador não definido.</b> 41	
<b>Nenhuma entrada de sumário foi encontrada.</b> Figura 16 – Equipe 5.....	<b>Erro!</b>
<b>Indicador não definido.</b> 43	
<b>Nenhuma entrada de sumário foi encontrada.</b> Figura 18 – Equipe 6 .....	<b>Erro!</b>
<b>Indicador não definido.</b> 44	

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 A TRAJETÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
2.1 ESTRUTURA MÉTRICA DO CORDEL .....	15
2.1.1 Versos de quatro sílabas .....	15
2.1.2 Versos de cinco sílabas .....	15
2.1.3 Sextilhas .....	15
2.1.4 Décimas .....	15
2.2. XILOGRAVURA.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
2.3 A TRAJETÓRIA DE VIDA DO ARTISTA .....	<b>Erro! Indicador não definido.8</b>
2.3.1 As histórias do artista .....	20
<b>3 EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA.....</b>	<b>27</b>
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>30</b>
<b>5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES .....</b>	<b>32</b>
5.1 HISTÓRICO DE SOMBRIO .....	<b>Erro! Indicador não definido.32</b>
5.2 O TRABALHO DE CAMPO COM OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM SOMBRIO .....	<b>Erro! Indicador não definido.33</b>
5.3 AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS COM OS ALUNOS.....	<b>Erro! Indicador não definido.34</b>
5.4 PRIMEIRA HISTÓRIA: HISTÓRIA DE VIDA DO ARTISTA.....	<b>Erro! Indicador não definido.35</b>
5.5 SEGUNDA HISTÓRIA: O PLANO DO CABOCLO.....	<b>Erro! Indicador não definido.39</b>
5.6 TERCEIRA HISTÓRIA: O SONHO.....	<b>Erro! Indicador não definido.41</b>
5.7 A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE CULTURA POPULAR.....	<b>Erro! Indicador não definido.45</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
<b>7 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>50</b>
7.1 REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS .....	52
<b>APÊNDICE 1 .....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na minha infância sempre gostei de brincadeiras que envolvessem a natureza: balanço, subir em árvores e comer o fruto olhando a natureza. Brincava de cozinheira, fazia comidas com frutos de diferentes cores para representar comida de diferentes sabores. Ainda hoje me lembro da escola de madeira e da professora Mirian que foi a minha preferida. Ficava triste quando não tinha aula. Na fase da adolescência sempre fui ligada aos artesanatos, muitos aprendidos com minha mãe e outros nos cursos que tinha no município.

Lembro da primeira viagem de estudo que participei no curso de Artes Visuais, visitamos o Mundo Ovo de Eli Heil e o Museu de Arte de Santa Catarina, Gostei muito e depois desta viagem não perdi mais nenhuma. Os lugares que visitei sempre me trouxeram muita paz, por serem lugares que aprecio bastante. Me faz muito bem conhecer outros lugares, outras culturas. É neste espaço de culturas que me identifico. Faz-me lembrar de minha mãe ensinando as tradições de meus antepassados, fazendo bordados e crochês.

Minha experiência no curso me fez relembrar os bons momentos de infância nas conversas e estudos realizados sobre heranças passadas e presentes em muitas disciplinas que cursei que falavam de cultura popular, como na disciplina de Cultura Regional. Resgatar os mitos e as crenças de meu tempo de criança na pequena comunidade de Lageado, próximo à cidade de Sombrio, e também as histórias contadas pelos meus pais e avós, foi muito gratificante.

Esses fatos fizeram com que despertasse em mim o interesse em pesquisar a história de Sombrio por meio de sua cultura. Nesse sentido a literatura de cordel, que faz parte da cultura popular do povo sombriense, apresenta fatos das histórias do município contadas em décimas e versos de seus artistas. Dentre eles cabe destacar o artista Arnaldo Estevam nascido no município no ano de 1937, hoje com 74 anos de idade e que faz parte da história viva de Sombrio.

Diante disso trago como problema de pesquisa, a seguinte pergunta: os alunos de Sombrio reconhecem a cultura local, baseada na literatura de cordel do artista Arnaldo Estevam, por meio da xilogravura?

A pesquisa traz como objetivo geral verificar se os alunos de Sombrio reconhecem a cultura local, com base na Literatura de Cordel do artista Arnaldo Estevam, baseadas nas produções de xilogravuras. E como objetivos específicos,

estudar a literatura de cordel, com base na produção do artista Arnaldo Estevam, como forma de ampliação do universo pessoal e cultural do município de Sombrio; apresentar por meio do artista a manifestação da cultura local, contada através do cordel; contribuir com o resgate da cultura local do município de Sombrio nas aulas de arte; ampliar o olhar estético e cultural dos alunos por meio da valorização da cultura local.

Esta pesquisa está estruturada da seguinte forma: o primeiro capítulo é o introdutório; o segundo trata da revisão da literatura sobre Cordel, o terceiro traz um pouco da biografia do artista Arnaldo Estevam e da história da xilogravura; o quarto capítulo trata sobre educação, arte e cultura; o quinto é referente à metodologia; o sexto trata da análise das informações obtidas e por último trago minhas considerações finais.

## 2 A TRAJETÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL

O cordel é uma forma de manifestação popular baseada em fatos reais e imaginários. Os cordelistas contam o cotidiano do povo em forma de rimas. Os cordéis são expostos em mercados e feiras para a divulgação em forma de pequenos livros.

A literatura de cordel foi trazida ao Brasil, segundo Pontes (2011), junto com os primeiros colonos portugueses durante o século XVI. Recebeu este nome porque eram produzidos em folhetos e pendurados em barbantes para serem expostos ao público. Em sua origem, o cordel se junta à divulgação de histórias populares e narrativas de épocas. Na Espanha foram chamados de folhas soltas e volantes, já em Portugal eram conhecidos na forma de pequenos folhetos com histórias variadas sobre temas diversos que falavam sobre a vida e o cotidiano do povo. A sua circulação era feita no comércio pelos vendedores ambulantes entre as vilas e as cidades em dias de feira. A sua criação e a transmissão esteve associada, em seu início, na forma de poesia lida ou cantada.

Pontes (2011) também conta que em outros países como no México, na Argentina, na Nicarágua e no Peru há o *corrido*. Compõe-se em geral de dois grupos: os de romance tradicionais, com temas universais de amor e morte, classificados em profanos, religiosos e infantis; e os *corridos nacionales*, com assuntos patrióticos e políticos, estes últimos os menos cantados. Já, na França, o mesmo fato corresponde à *litterature de colportage*, literatura volante, mais dirigida ao meio rural, através do *occasionnels*. Na Inglaterra os folhetos são semelhantes aos brasileiros, chamados de *cocks*. Contavam romances, histórias imaginárias e fatos históricos. E, na Alemanha eram editados com capas semelhantes como ainda hoje no Nordeste brasileiro, feitos com xilogravuras impressas em tipografias com os temas tratados, destinados ao grande público.

O autor citado acima destaca que foi desta forma que o cordel chegou ao Brasil, principalmente na Região do Nordeste, até dar origem, no final do século XIX e primeira década do século XX à forma conhecida atualmente, quando se iniciou a circulação impressa dos trabalhos criados pelos poetas locais, com o início da indústria gráfica.

Figura 1 – Folhetos em cordel



Fonte: Pontes – 2011

A Literatura de Cordel pode ser um grande aliado da educação, segundo Trevis (2008)

[...], se for utilizada por pessoas que tenham consciência que o Cordel não é apenas um instrumento, educativo é uma expressão da cultura popular que guarda a história de um povo contada por suas próprias mãos, com riqueza de detalhes e que, portanto, deve ser preservada. (TREVIS, 2008, p.23).

Neste sentido, Freire (2003) destaca que a educação exige a aceitação do novo e rejeita qualquer forma de discriminação, desta forma, devem-se observar os alunos como seres empenhados em buscar do conhecimento como meio de transformação intelectual e social. Com a literatura de cordel é possível trabalhar fatos cotidianos para transmitir casos diferenciados das pessoas do campo e da cidade por meio das palavras faladas numa versão escrita. Compreender a sua própria realidade, valorizar os aspectos históricos e culturais do lugar, utilizando como meio facilitador da aprendizagem dos alunos o ensino das artes.

A literatura de cordel, de acordo com (TREVIS, 2008), é a representação da vida de um povo sofrido que traz, com sua magia, o fantástico reino da imaginação, onde entidades e seres místicos circulam lado a lado com figuras reais de cangaceiros, coronéis, boiadeiros, beatos, donzelas, burocratas, polícia e políticos. A literatura de cordel não é só fantasia, mas é a própria realidade existente no interior do país. O poeta de cordel passa o seu ponto de vista sobre a vivência das pessoas simples e sofridas através dos seus cantos e poesias.

A característica da notícia transmitida nos folhetos sempre inclui o comentário da época. São autênticos ao seu público, pois o cordel conhece muito bem suas ideias, seus problemas, aspiram suas opiniões, anseiam suas esperanças, vivem sua vida.

## 2.1 ESTRUTURA MÉTRICA DO CORDEL

O cordel no Brasil não ocorreu metricamente da forma conhecida na atualidade. De acordo com Fontes (2007), foi um processo que foi sendo construído aos poucos. A forma oral foi precursora à escrita que foi sendo estabelecida lentamente até chegar à forma conhecida na atualidade. Os primeiros repentistas<sup>1</sup> não tinham preocupação com a métrica e muito menos com o número de versos para compor as estrofes. Alguns versos eram maiores e outros menores. O interlocutor respondia rimando a última palavra do seu verso com a última do parceiro.

### 2.1.1 Versos de quatro sílabas

O verso de quatro sílabas é o mais curto conhecido na literatura de cordel. A própria palavra não pode ser longa, do contrário ela sozinha ultrapassaria os limites da métrica.

### 2.1.2 Versos de cinco sílabas

O verso de cinco sílabas é mais recente e não há registro de sua presença antes de Firmino Teixeira do Amaral<sup>2</sup>. A parcela de cinco sílabas era cantada também em ritmo acelerado, exigindo do repentista grande rapidez de raciocínio.

### 2.1.3 Sextilhas

---

<sup>1</sup> O primeiro folheto de cordel legitimamente brasileiro de que se tem notícia no Brasil, segundo registra o jornalista e escritor Orígenes Lessa, teria sido impresso em Recife por volta de 1865. O autor é desconhecido, assim como o título da obra

<sup>2</sup>. Poeta cordelista piauiense.

A sextilha é uma das técnicas mais consagradas utilizada pelos autores do cordel. Esta modalidade é mais indicada para os longos poemas romanceados, rimando o segundo, o quarto e o sexto versos entre si, deixando órfãos o primeiro, o terceiro e o quinto versos. É a modalidade mais rica, obrigatória no início de qualquer combate poético, nas longas narrativas e nos folhetos de época. Também é muito usada nas sátiras políticas e sociais.

#### 2.1.4 Décima

Muito utilizada para motes, pelejas, desafios, glosas, a Décima, de origem clássica, cujo verso é estruturado em sete sílabas, tem grande frequência nas apresentações de repentistas. No caso dos motes, são utilizados nos dois últimos versos da estrofe, expondo a sentença previamente publicada no início da cantoria. A distribuição dos versos, quanto à rima, fica assim: o primeiro rima com o quarto e o quinto; o segundo, com o terceiro; o sexto, com o sétimo e o décimo, e o oitavo, com o nono. No tocante ao mote, convém esclarecer que se trata de uma sentença composta por dois versos, a serem repetidos ao final de cada estrofe. Já houve também outras experiências de mote<sup>3</sup>, como o formado por um único verso; por dois, separados, um na quarta linha e o outro na décima; e até por quatro versos, o que implicava a construção de quatro décimas para acomodar, no final de cada uma, um dos versos da quadra-mote. (CAVALCANTI, 2007)

Era manhã, brisa mansa,A  
 Quando deixei Fortaleza,B  
 Com um misto de tristeza,B  
 Calma, fé e esperança...A  
 Trago tudo na lembrança,A  
 Jamais eu pude apagar C  
 Três faces a acenar: C  
 Meu pai, minha mãe, meu irmão.D  
 Foi com dor no coração D  
 Que deixei o meu lugar.C

## 2.2 XILOGRAVURA

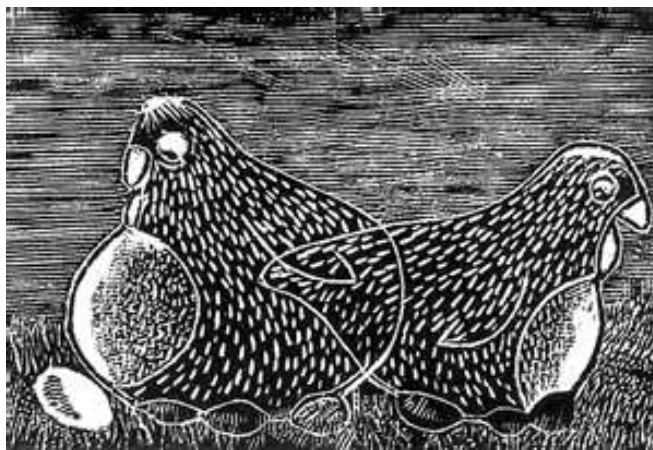
---

<sup>3</sup>. Mote é um artifício muito usado nas apresentações de repentistas, principalmente em festivais, onde os cantadores recebem um mote e dentro de um tempo determinado, eles têm que improvisar.

A xilogravura é a arte de gravar imagens na madeira. Segundo Jorge (Gabriel 2000), a origem mais provável é a China, sendo conhecida desde o século VI nas iluminuras e confecções de baralhos. Mas até este período histórico, a xilogravura era apenas técnica de reprodução de cópias. Somente bem mais tarde a xilogravura começa a ser valorizada como manifestação artística cultural.

Em seu início, a xilogravura também era utilizada na confecção de rótulos de garrafas de cachaça, tecidos e outros. No entanto somente alcançou grande popularidade com o cordel.

Figura 2: Xilogravura antiga



Fonte: Xilogravura s/t- Erick Lima – 2011 ([http://2.bp.blogspot.com/\\_aTvfvvtMMRk/Rasgando+a+terra.jpg](http://2.bp.blogspot.com/_aTvfvvtMMRk/Rasgando+a+terra.jpg))

A xilogravura teve e tem grande importância para a disseminação do Cordel. Sabe-se que o cordel antigo não trazia xilogravuras em suas capas. As capas eram ilustradas apenas com vinhetas simples, usados nas pequenas tipografias do interior nordestino. A gravura, na sua generalidade, é um processo de reprodução, mas a reprodução é em si própria uma obra de arte. Ela nasceu de uma necessidade interior que contém em si uma manifestação de arte.

Neste sentido, pouco a pouco vão aparecendo sinais nítidos de que a gravura em madeira estava a substituir cada vez mais o manuscrito, estes chegam por vezes a confundir-se com originais. A ilustração no livro aumenta consideravelmente. Aparecem livros por vezes só com gravuras acompanhadas de legendas, querem de caráter religioso ou didático, todavia, longe ainda do alcance do povo humilde e analfabeto. Foi este mesmo processo da xilogravura, que tornou possível mesmo antes de ser introduzida no livro, a impressão de imagens de santos, cenas da vida religiosa calendários com gravuras coloridas à mão, que se vendiam nas feiras e mercados. A difusão era imensa, pois o seu preço era bastante acessível. Este era, pois o único meio de comunicação e contemplação das



imagens religiosas que o povo podia adquirir. (JORGE; GABRIEL, 2000 p.17)

As gravuras, ou xilogravuras, representam uma importante herança do imaginário popular. As tradições literárias regionais, contribuindo para o folclore nacional, lutam contra o analfabetismo. Assuntos que cobrem crítica social e política e textos de opinião elevam a literatura de cordel ao estandarte de obras de teor didático, pelo fato de funcionarem como divulgadoras da arte do cotidiano, das tradições populares e dos autores locais. A literatura de cordel é de rica importância das identidades locais e educativas. (JORGE; GABRIEL, 2000)

Aspecto de grande importância do Cordel é, sem dúvida, a xilogravura de suas capas. Sabe-se que o cordel antigo não trazia xilogravuras. Suas capas eram ilustradas [...] nas pequenas tipografias do interior nordestino [...] (PONTES, 2011, p. 01).

Acredita-se que os missionários portugueses tenham ensinado sua técnica aos brasileiros como uma atividade extra catequese, partindo do princípio religioso que defende a necessidade de ocupar as mãos para que a mente não fique livre de maus pensamentos, ao pecado. (PONTES, 2011).

Enfim, a Xilogravura é uma técnica de produção artística feita a partir de matrizes de madeira. Nelas são gravadas imagens a serem reproduzidas, que são impressas certo número de vezes, de forma a compor uma tiragem ou edição. Comumente, após este processo, a matriz é destruída. De toda forma, essa reprodutibilidade torna a gravura uma obra de arte muito mais acessível que a pintura ou o desenho.

Finalizando este capítulo que tratou da história da literatura de cordel e da xilogravura, não se teve a pretensão de esgotar o tema. No próximo capítulo procura-se dialogar com a educação, arte e cultura. Um ponto fundamental para este aspecto da arte que vem sendo trabalhado há anos por muitos educadores.

### 2.3 A TRAJETÓRIA DE VIDA DO ARTISTA

A natureza, vida e história dos fatos que acontecem no dia a dia do desenvolvimento da existência humana são os principais focos do autor. Através de versos rimados traz para os tempos atuais a literatura de cordel, que foram, no início do século passado, uma das mais importantes formas de comunicação da época.

Falar em pessoas que tem o dom de sentir e descrever a realidade que as cercam de um modo diferente das pessoas comuns, que percebem tudo com sentimentos profundos, percebem com a alma e com o coração.

Arnaldo Estevam é um artista que procura trabalhar a literatura popular, mais especificamente a de Cordel. Fala de fatos verdadeiros e imaginários, através de versos e poesias. O poeta, assim como denominado por algumas pessoas, realiza seus trabalhos por meio de versos rimados dos acontecimentos e fatos do cotidiano da vida das pessoas de maneira geral. Além da qualidade de seus escritos, seu Arnaldo em si é um exemplo de vida. Estudou somente até a terceira série do Ensino Fundamental e rompeu as barreiras de todos aqueles que vêm da roça. Herdou o gosto pelas coisas simples e o dom de rimar dos antepassados.

Figura 3 – Poeta Arnaldo Estevam



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

As histórias narradas pelo artista têm como base de inspiração a vida dura do campo. Também relata outros temas relacionados aos fatos do dia a dia, como os

acontecimentos da política local, assuntos da religiosidade, as festas populares, as biografias de personalidades, o futebol, as histórias do povo, entre outros assuntos.

### 2.3.1 As histórias do artista

Arnaldo Estevam nasceu e viveu quase toda a sua vida, na localidade de Cotovelo, situado a dezoito quilômetros ao oeste da cidade de Sombrio e a quatro quilômetros ao leste da cidade de Jacinto Machado, mais precisamente na divisa entre os dois municípios, mas a comunidade pertence ao município de Sombrio.

O artista viveu boa parte de sua vida nesta localidade, numa condição social bastante humilde, sem luz elétrica, estradas precárias e distante da cidade. Começou a escrever seus versos, ainda jovem, porém devido a pouca viabilidade, por morar no interior e pela discriminação por ser agricultor, uma profissão pouco reconhecida socialmente, a sua obra somente começou a ganhar espaço depois que deixou a comunidade interiorana e veio residir na cidade de Sombrio.

A sua obra começou a se destacar a partir da vinda para a cidade. Deste momento em diante o artista passou a divulgar o seu trabalho através da participação em programas de rádio, artigos em jornais e participações em eventos. Como relatou o professor Wilson Francisco de Farias da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) no prefácio de um de seus livros, o poeta elabora suas poesias, metricamente corretas, que descrevem os acontecimentos, em sua crueza, sem fazer juízo de valores, mas procurando mostrar a cada passo de suas histórias, que encerram belas lições de vida.

Dentre as histórias contadas em diversas passagens de sua obra, cabe destacar a sua trajetória de vida em que o artista faz questão de lembrar da vida dura na agricultura, como está narrada na introdução de um de seus livros que tem o seguinte título: “saudade do meu morro”:

[...]  
Aí passei minha infância  
Em ti eu tive esperança  
De minha vida ganhar  
Viste a minha juventude  
Tirasse a minha saúde  
Não pude mais te enfrentar.  
[...] (ESTEVAM, 1998, p. 11).

Oh morro te amei tanto  
És feito de mil encantos

De belezas naturais  
 Tu marcaste minha vida  
 Com tantas coisas vividas  
 Que os anos deixam pra trás.  
 [...] (ESTEVAM, 1998, p. 13).

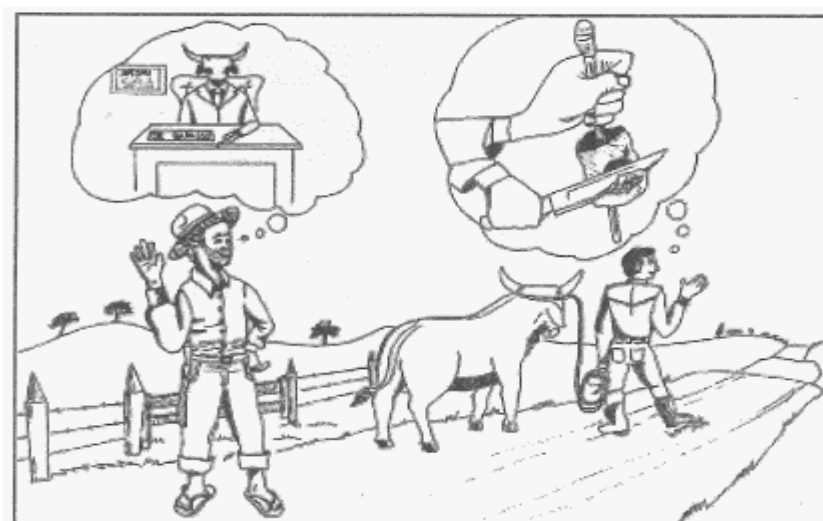
Nesta mesma introdução do livro, o autor faz o contraponto da sua de vida no campo, com a sua vida atual na cidade:

[...]  
 Hoje perto da cidade  
 Com menos felicidade  
 Preferia lá o meu canto  
 Aqui tem coisas bonitas  
 Mas outras muito malditas  
 Que me fazem sofrer tanto. (ESTEVAM, 1998, p. 14).

[...]  
 Sempre olho aqui distante  
 Te vejo bem verdejante  
 Só que me resta é saudade  
 Já perdi a esperança  
 Mas sei que tua lembrança  
 Eu levo pra eternidade. (ESTEVAM, 1998, p. 14).

A história abaixo descreve a inocência e a simplicidade do homem do campo, contada de forma humorística. Foi inspirada num causo contado pelo seu pai, quando o artista era criança e transformado em rima. Nesta época não existia luz elétrica. Como sua mãe costumava dormir mais cedo, ele ficava na companhia de seu pai, sentado ao lado do fogão à lenha, ouvindo suas histórias. Esta a seguir conta o caso de um agricultor (açougueiro) que foi iludido por um espertalhão da cidade, que pegou o seu boi de estimação de nome “barroso” e garantiu que iria transformá-lo em um “doutor”:

Figura 4 – Doutor Barroso



Fonte: João Batista Colares – 1998

Com os traços que ele tinha  
 Aparentava valor  
 O visitante pensou  
 E disse assim Meu senhor  
 Se queres este novilho  
 Pode ser um bom doutor.  
 [...]

Devagar o espertalhão  
 Foi conversando o coitado  
 Pois nós já fomos macacos  
 A muito tempo passado  
 Ultimamente a ciência  
 Já muito tem inventado.  
 [...]

O açougueiro convencido  
 Caiu nesta emboscada  
 E dentro de pouco tempo  
 A coisa foi acertada  
 O outro leva o novilho  
 De certo dando risada.  
 [...]

Dai passado alguns meses  
 Já uma carta chegava  
 Dizendo que algum dinheiro  
 Pros estudos precisava  
 Pois numa universidade  
 O tal novilho estudava.  
 [...] (ESTEVAM, 1998).

Nesta história o autor relata que além levar o boi, o espertalhão começou a pedir dinheiro para financiar os estudos do “barroso”. Depois disto o agricultor perdeu o contato, passando algum tempo na véspera de uma eleição o açougueiro tem esperanças de encontrar o seu boi.

[...]

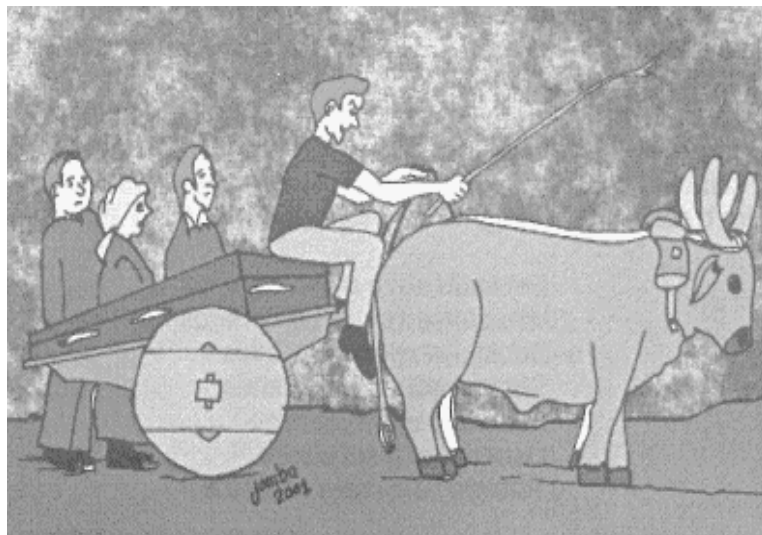
Ao pegar uma propaganda  
 Ficou muito curioso  
 Viu que entre os candidatos  
 Tinha nome bem famoso  
 Por exemplo, também vinha  
 Um tal de Doutor Barroso  
 [...]

Depois criando coragem  
 Falou assim: Meu senhor  
 Me desculpe interrompê-lo  
 Mas me escute por favor  
 Pra dizer que as minhas custas  
 Você formou-se doutor  
 [...]

Acontece certas coisas  
 Que até Deus desconfia  
 Essa pode ser verdade  
 Ou talvez uma fantasia  
 Mas garanto que o Tunico  
 Nunca mais entra numa fria.  
 [...] (ESTEVAM, 1998, p. 29).

Os fatos do cotidiano também são retratados em versos. Como, por exemplo, a forma como ocorriam os traslados dos enterros. Na época o único meio de transporte era o carro de boi. Normalmente os cemitérios ficavam distantes, os caixões eram colocados em cima do carro e atrás seguia a procissão. A história de um “enterro de antigamente” é contada de forma humorística.

Figura 5 – Enterro de antigamente



Fonte: João Batista Colares – 1998

[...]  
O cemitério na época  
Ficava bem retirado  
A estrada era carreiro  
Pés descalços no banhado  
Com tudo isso e depois  
Dentro de um carro de bois  
O defunto era levado.

[...]  
Sem pressa cangaram os bois  
Começou a procissão  
Para governar o carro  
Aparece um bobalhão  
Querendo ficar a jeito  
Sem o mínimo de respeito  
Sentou em cima do caixão

[...]  
O carro corcoveando  
E o palhaço sentado  
O defunto não saiu  
Porque estava tampado  
Na hora de enterrar  
Quando foram destampar  
O corpo estava de lado  
[...]  
Na ponta da procissão  
Iam aquelas rezadeiras  
Lá no meio já se via  
Alguns falando besteira  
Os de trás sem compromisso  
Correndo atrás de ouriço  
Entravam na capoeira.  
[...] (ESTEVAM, 2001, p.82).

A maior festa religiosa de Sombrio é a festa de Santo Antônio. Isto demonstra a origem da colonização do município: a devoção dos portugueses e açorianos ao santo que é considerado casamenteiro. O autor relatou em versos esta tradição popular e a devoção do povo sombriense ao Santo.

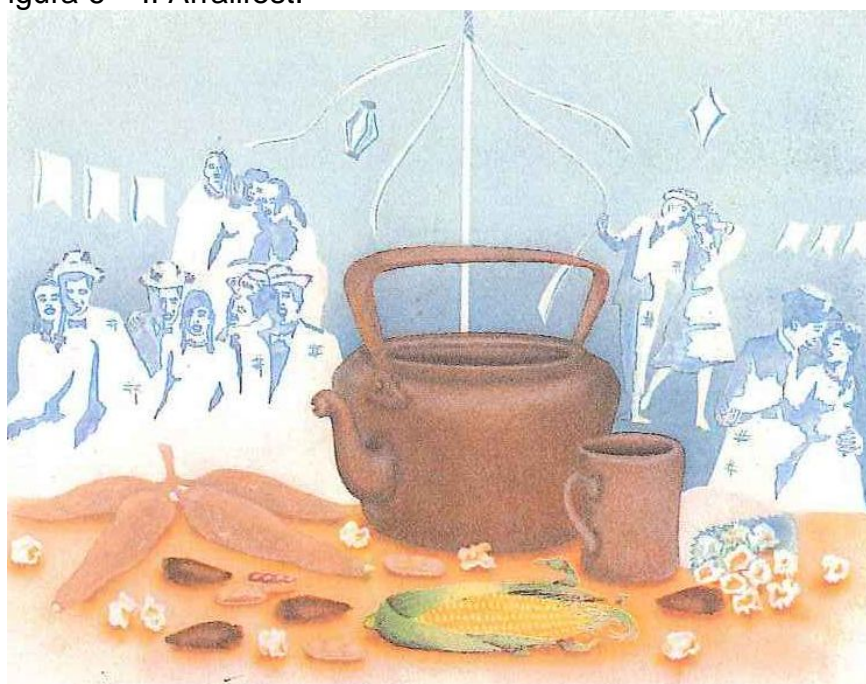
[...]  
Dia 13 quarta feira  
Mês de junho meio frio  
A paróquia tem agora  
Nova cara novo brio  
Maravilhosos momentos  
Um grande acontecimento  
Estamos em festa em Sombrio.

[...]  
A festa de Santo Antonio  
É o nosso padroeiro  
Pra este acontecimento  
Esperamos o ano inteiro  
Popular e estimado  
Por muitos considerado  
O santo casamenteiro.

[...]  
Fica mais emocionante  
A cada tempo que passa  
Os devotos vão chegando  
Pagando e pedindo graça  
Os festejos acontecendo  
Os espaços se enchendo  
Ficando pequena a praça.  
[...] Arnaldo Estevam (Não publicado).

O Arrailfest é considerado o maior evento cultural da região do extremo sul catarinense, criada em 1993, com o objetivo de resgatar a cultura popular do município de Sombrio. O poeta relatou em versos a festa da seguinte forma:

Figura 6 – II Arrailfest.



Fonte: Folder de divulgação do II Arrailfest - 1994

[...]  
Com seus palanques armados  
Serviço de alto falante  
Desfilando pelas ruas  
Uma chaleira gigante  
Distribuindo questões  
Para todos os visitantes  
[...]  
As avenidas ficaram  
Tomadas de barraquinhas  
Passando carros de boi  
Carregando as sinhazinhas  
Muitos idosos dançando  
E tudo entra na linha  
[...]  
Por onde o sujeito anda  
Tem homens cantando prosa  
Das caçadas que eles fazem  
E pescas muito gostosas  
Tudo isso sabe onde?  
Em nossa lagoa famosa.  
[...] Arnaldo Estevam (Não publicado)

Estes são apenas alguns fatos históricos relatados em Cordel por Arnaldo Estevam, entre muitos que o poeta tem escrito guardado em seus manuscritos, como a descrição sobre a semana literária, retratando o ensino da arte e a cultura popular, com sua magnitude e dedicação. Neste terceiro capítulo dialogou-se com muitos autores sobre educação, arte e cultura: um conjunto de saberes necessários ao ser humano.



### 3 EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA

A educação no Brasil é regida pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), esta lei traça as diretrizes e as bases da organização do sistema educacional. Ela define as diretrizes gerais da educação brasileira, dando possibilidades para as escolas ampliarem os seus sistemas de ensino e refletir as normas de práticas pedagógicas.

Recentemente a LDB passou por mudanças em seu § 2º. O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (LEI nº 12.287/10).

O referido parágrafo demonstra a importância do ensino da arte nas escolas. A nova redação inclui o termo expressões regionais, uma maneira de vivenciar o cotidiano dos alunos e motivá-los a valorizar e conhecer o meio em que estão inseridos.

Um dos motivos também considerados importantes para se incluir as artes no currículo da educação básica é que ela é parte do patrimônio cultural da humanidade. Ferreira (2003) afirma que uma das funções da escola é preservar e conhecer esse patrimônio. As artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é através da cultura que se constrói sujeitos mais envolvidos. Cabe à educação preservar as culturas. O ato de aprender está sempre em processo. O conhecimento do passado é um elemento importante quando se fala na formação da identidade do ser humano.

A educação em arte, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN:

[...] propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, a percepção, e a imaginação. Tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 1997, p. 19).

Nesta perspectiva, o ensino da arte atua no processo de aprendizagem e desenvolvimento, proporcionando ao aluno a compreensão de sua história como ser humano, estimulando e ampliando a sua percepção do mundo e possibilitando a construção da autonomia, da cooperação do senso crítico, da responsabilidade, aspectos fundamentais para a formação da cidadania e conseqüentemente, para a construção social (PILLOTTO e SCHRAMM, 2001).

A grande contribuição da arte nesse processo, segundo Stamm (2007)

[...] é possibilitar o domínio de todas essas capacidades e etapas, de forma sensível e criativa, levando a criança a construir sua evolução. Considerando-se que a alfabetização deve levar a criança à leitura de seu mundo e que a arte faz parte desse mundo, torna-se imprescindível alfabetizá-la também esteticamente, para que ela possa ter participação e domínio completo do universo em que vive. (p.37).

Corroborando com a autora acima, também Pillotto e Schramm (2001) afirmam que o ensino da arte pode assumir diversos significados em suas várias dimensões, mas como conhecimento proporciona meios para a compreensão do pensamento e das expressões de uma cultura. Portanto, se entende que aprender arte é um direito de toda criança, jovem e adulto, pois o homem, como ser pensante, está sempre descobrindo novos caminhos experimentando formas de criação reais e imaginárias, que só a arte, na sua essência, pode proporcionar.

As linguagens da arte, do lúdico e das mídias na escola podem e devem estar articuladas à produção do conhecimento como processo criador, buscando a poética do cotidiano e a beleza nas pequenas coisas a fim de transformar os modos de interagir com a cultura. (FRITZEN e MOREIRA 2008, p.63).

Como o ser humano é um ser cultural, essa é a razão inicial para a presença das artes na educação escolar. Portanto, concorda-se com Coli (1990) quando afirma que as artes fornecem infinitas possibilidades de criar novas ideias, buscar conhecimento de sua própria história e das culturas.

Dominar os conhecimentos históricos relacionados com a arte e educação é de fundamental importância para uma ação transformadora no ensino e na aprendizagem da arte na atualidade. Neste sentido os Parâmetros Curriculares de Arte (1997, p. 450) enfatizam que a arte é:

Um modo privilegiado de conhecimento e aproximação entre indivíduo de culturas diferentes, pois favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, num plano que vai além do discurso verbal: uma criança da cidade ao observar uma dança indígena, estabelece um contato com o índio que pode revelar mais sobre o valor e a extensão de seu universo do que uma explanação sobre a função do rito nas comunidades indígenas. E vice versa.

Conforme Martins (1998), cultura é tudo que é produzido pelo ser humano, por exemplo, a terra é natureza e o plantio é cultura. É o desenvolvimento de pensar do ser humano, são os costumes e valores de uma sociedade. Também de acordo com Laraia (2006), o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo que reflete o conhecimento e a

experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. Adquirindo cultura, o homem passou a depender mais do aprendizado do que agir através de atitudes geneticamente determinantes.

Para o autor acima citado, cultura é:

Um sistema de padrões de comportamentos socialmente transmitidos que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologia, modos de organização econômica, padrões de estabelecimentos, de agrupamentos sociais e organização política, crenças religiosas, mudança cultural, um processo de adaptação equivalente à seleção natural. (LARAIA, 2006, p.12)

É importante lembrar quando Laraia (2006) diz que cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender este processo é fundamental para a humanidade. Neste sentido, a cultura é um conjunto de diversos saberes e maneiras de produzir sentido, uma infinidade de diferentes formas de ser, de viver, pensar, sentir e falar, de produzir e expressar saberes. Não existe uma só cultura ou povos sem cultura. A cultura popular, portanto, pode ser definida como um sistema de conhecimentos. A escola deve ampliar e resgatar as experiências de diferentes formas de manifestações de cada cultura.

Cada um de nós tem a possibilidade de rememorar sua própria infância, que é uma história que lhes é íntima, que pode lhes abrir segredos preciosos, que pode funcionar como um centro especial de treinamento para o sujeito desenvolver sua sensibilidade e sua capacidade de resgatar significações obscurecidas que ficam no passado. (FRITZEN MOREIRA, 2008, p. 125).

É a partir desses conceitos e pressupostos que busca-se relacionar nessa pesquisa a cultura popular e o ensino da arte junto aos alunos por meio da literatura de cordel e da xilogravura.

## 4 METODOLOGIA

A pesquisa científica tem sido uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento da ciência em função do ser humano e tudo que nela permite ser explorado. Concorde-se com BAUER GASKELL. Ela permite descobrir fatos novos, ampliar os horizontes e dar respostas às novas perguntas que a humanidade elabora e que nos trazem inquietações. De que forma o ser humano reage às diferentes formas de pesquisa?

Quanto aos objetivos desta monografia é considerada uma pesquisa descritiva, cuja descrição foi feita a partir das informações coletadas em campo. Em que pode-se obter os dados para realizar a análise, conforme o tema escolhido procurando melhor entendimento e resposta (MINAYO, 2004).

Referente ao método da pesquisa é de natureza qualitativa, ou seja, sem a necessidade de números para quantificar os resultados e sim, valorizar a qualidade das informações obtidas. Neste sentido destacam-se as diferentes formas de obtenção de informações que podem ser através de entrevistas e observações, praticamente essenciais ao trabalho de campo

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela preocupa, nas ciências sociais, como um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2004, p. 21)

A pesquisa de campo foi realizada na Escola Municipal Alda Santos Vargas, localizada no Bairro Januária, no município de Sombrio. A Escola trabalha com o Ensino Fundamental. A turma escolhida para realizar a proposta desta pesquisa de monografia foi a sexta série do Ensino Fundamental na disciplina de Artes.

A turma é composta por 24 alunos que tem aulas faixas de Artes uma vez por semana. A atividade foi desenvolvida em setembro de 2011, com carga horária de 180 minutos. A escolha do município de Sombrio foi por ser onde nasceu e reside o poeta Arnaldo Estevam. Também optou-se pelo município por ter forte tradição cultural baseada na literatura de cordel.

Depois de escolhido o tema da pesquisa, o problema foi definido da seguinte forma: os alunos de Sombrio reconhecem a cultura local baseada na literatura de cordel do artista Arnaldo Estevam, por meio da xilogravura?

Para responder à pergunta de pesquisa e os objetivos da monografia foi convidado o poeta sombriense Arnaldo Estevam para relatar as suas histórias aos alunos. O artista foi até a escola e relatou à turma três de seus contos de cordel. No encontro seguinte os alunos foram divididos em equipes para contar as histórias do autor em forma de xilogravura.

As atividades propostas foram realizadas no período de aula. Para realizar os trabalhos de xilogravura foram disponibilizados aos alunos os seguintes materiais: placa de isopor lisa, papel seda, tinta guache, folha de papel A4, lápis e rolo de pintura.

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

### 5.1 HISTÓRICO DE SOMBRIO

Sombrio é um município localizado no extremo sul do Estado de Santa Catarina. A região teve como seus primeiros habitantes os índios carijós. A chegada dos primeiros migrantes ocorreu por volta de 1723, vindos de Laguna com destino Viamão no Rio Grande do Sul. Nesta época, este era o único caminho de ligação entre o estado catarinense e o gaúcho. O município era ponto de parada para os viajantes que descansavam sob as imensas figueiras que havia no local. Essa é uma das hipóteses mais aceitas sobre a origem do nome do vilarejo.

O primeiro a se interessar pelas terras da região foi o historiador francês Saint-Hilaire, que estudou a origem dos primeiros habitantes de Araranguá. Pesquisou solo, fauna, flora e a cultura dos índios carijós. Sua expedição despertou a curiosidade de dois irmãos portugueses, os imigrantes Manoel e Luciano Rodrigues, por volta do ano de 1820. Os irmãos adquiriram a sesmaria localizada entre o Rio Mampituba e o Arroio Grande. Este fato marca o início da colonização do Município, a qual se processou lentamente (FARIAS, 1998).

A colonização de Sombrio só prosperou dez anos mais tarde, quando outro português, João José Guimarães, vindo do Rio Grande do Sul, adquiriu do Estado em 1833, as terras onde hoje se localiza a sede do município. Instalou-se definitivamente com a família às margens de um grande lago, a hoje denominada Lagoa do Sombrio.

Atualmente a população de Sombrio é 26.613 habitantes (IBGE, 2010). O município se destaca no setor de confecções, em que diversas empresas produzem artigos de vestuário que são vendidos para diversos estados do Brasil em grandes redes de lojas. Outro setor de destaque é o calçadista, com diversas empresas do ramo. A cidade conta com uma tradição de muitos anos na fabricação de calçados. O setor cerâmico de Sombrio é composto por empresas que fabricam principalmente tijolos e telhas esmaltadas (IBGE, 2010).

As manifestações populares de Sombrio resultam de um conjunto diversificado de origens culturais. A cultura tradicional sombriense, assim como de todo o litoral catarinense é de base açoriana, cuja essência reflete a simplicidade, o

orgulho da religiosidade, o misticismo pelo profundo respeito pelo homem e a natureza. O folclore, as danças, a literatura popular, a religiosidade, o imaginário são heranças trazida do povo.

## **5.2 O TRABALHO DE CAMPO COM OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM SOMBRIÓ**

No primeiro encontro a turma contou com a presença do poeta Arnaldo Estevam, em que inicialmente se apresentou aos alunos em forma de versos. Depois contou várias histórias, também em versos, relatou um pouco do seu tempo de estudante e como era a relação entre aluno e professor em sala de aula. Em seguida fez comentários sobre a história do cordel e por que recebeu esta denominação. Comentou que as métricas poderiam ser pobres e/ou ricas e explicou um pouco sobre cada uma delas. Falou da grande diferença que existe no tratamento dos professores com seus alunos. No seu tempo de estudante a escola era repressora, pois os alunos que não desenvolviam as atividades ou desrespeitavam os professores eram postos de castigo, pois quase não havia uma relação de amizade entre aluno e professor. Na atualidade, com base no exemplo de suas filhas que são professoras, falou da grande mudança que ocorreu durante o período de seu tempo para hoje, em que destacou que elas são amigas dos alunos diferentemente de seu tempo em que a relação professor-aluno era mais impessoal.

Neste sentido, o artista frisou a grande mudança que houve de um período para outro. A conversa fluiu de forma descontraída, houve uma boa interação com os alunos que ouviram suas histórias atentamente, inclusive um deles relatou um fato ocorrido com seu pai, que ao desobedecer à professora ficou de castigo ajoelhado em cima de grãos de milho.

Depois das apresentações iniciais, seguindo o que tinha sido planejado anteriormente, foram contadas por Arnaldo Estevam três histórias em forma de Cordel. Os alunos ouviram atentamente para depois reproduzi-las em xilogravuras, fazendo um comentário sobre o desenho realizado e respondendo o que eles entendiam por cultura popular.

### **5.3 AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS COM OS ALUNOS**

A atividade com os alunos foi iniciada com a apresentação do trabalho que seria desenvolvido em duas aulas (dois dias). No primeiro dia, além das apresentações, foi entregue aos alunos uma ficha para ser assinada, autorizando o uso das imagens e das falas (conforme anexo 1). Em seguida o poeta fez a sua apresentação em forma de versos, em cordel, e comentou com os alunos a história da literatura de cordel. Como os alunos ainda não tinham tido a oportunidade de trabalhar a xilogravura, foi comentado um pouco da história e da técnica. Foram mostradas imagens de xilogravuras em diversos livros de cordel. No segundo encontro os alunos foram divididos em grupos em que foram feitas as escolhas das histórias a serem trabalhadas. A produção em xilogravura deveria descrever a imagem da história em forma de desenho. Para concretizar as atividades foram entregues os materiais necessários para serem desenvolvidas. O material referido eram folhas de papel almaço para descrição do que eles entendiam por cultura popular e comentários do desenho construído. A folha de papel A4 foi utilizada para fazer o projeto do desenho, para, posteriormente, passar no isopor a gravação. A tinta e o rolo foram usados para pintar a xilogravura.

Seguindo a ordem das histórias contadas pelo poeta, passa-se a seguir a descrevê-las. A primeira relatava a própria história de vida do poeta, a segunda, um plano de um “caboclo” e, a terceira, um sonho.

### **5.4 PRIMEIRA HISTÓRIA: HISTÓRIA DE VIDA DO ARTISTA**

A primeira história contada pelo poeta fala de vários momentos de sua vida. Comentou sobre as dificuldades que passou no seu tempo de criança para estudar. Tinha que caminhar muitos quilômetros até chegar à escola, andando por estradas ruins no meio da floresta que pareciam mais com trilhas do que com estradas. Estudava meio período do dia e a outra parte trabalhava na roça com seu pai. Esta história foi contada pelo poeta em Cordel conforme segue abaixo:



A todos peço licença  
 Preciso dar meu recado  
 Vou tentar tirar da mente  
 O que vivi no passado  
 A gente às vezes emudece  
 Vê o que hoje acontece  
 Como tudo tem mudado

Eu nasci no interior  
 Lugar meio retirado  
 Meu pai era agricultor  
 Serviço mais que pesado  
 Como dizia a colonada  
 Tudo no bico da enxada  
 Não existia arado  
 Limpando coivara a braço  
 Eu ajudava, pequeno  
 Sem ter hora pra parar  
 Fosse sol, chuva ou sereno  
 A terra dava de tudo  
 Não precisava de adubo  
 E muito menos veneno

Todo terreno era fértil  
 O que plantava colhia  
 No paiol tinha fatura  
 Mas comércio não existia  
 Uma parte se gastava  
 E a outra que sobrava  
 Quase de graça vendia

Numa escola distante  
 E que eu pude estudar  
 Cinco quilômetros a pé  
 Eu tinha que enfrentar  
 Passando por sol ou chuva  
 Caminhando até Garuva  
 Depois tinha que voltar

O lugar que eu morava  
 Era Morro Taimbé  
 Do lado do Cotovelo  
 Perto de Tamandaré  
 Assim foi minha infância  
 Calcule só a distância  
 Que eu fazia a pé

E com o passar do tempo  
 Muita coisa acontecendo  
 Com uma veia poética  
 Rimado fui escrevendo  
 Meu trabalho se espalhou  
 Muito bem agora estou  
 Na rima me defendendo

Casei tive os filhos  
 Vi a coisa melhorar  
 Pra nosso bem resolvi  
 Para Sombrio nos mudar  
 É melhor para minha idade  
 E também facilidade  
 Para a família estudar

Estrada quase não tinha  
 Era apenas uma picada  
 Andando de pé no chão  
 Nos cepos dando topada  
 Em nada fazia plano  
 Uma sacola de pano  
 No meu ombro alceada

Professora dona Lola  
 Muito bem ela ensinava  
 Sisuda, bastante séria  
 Pouco os dentes ela mostrava  
 Com o seu jeito sisudo  
 Apesar do seu estudo  
 Apego não conquistava  
 Outra minha professora  
 Dona Élia Castelã  
 Criatura bem querida  
 Até hoje minha fã  
 Com muita capacidade  
 Ajuda a comunidade  
 Pessoa de alma sã

Estudava na escola  
 Quatro séries misturadas  
 Dar conta daquilo tudo  
 Sofria muito as coitadas  
 Fazia lá o que podia  
 Pra chegar no fim do dia  
 Com a mente já cansada

Mas tinha o outro lado  
 Que a professora gostava  
 Era o silêncio na sala  
 Aluno não conversava  
 Uma régua caprichada  
 Em qualquer coisa errada  
 O sarrafo trabalhava

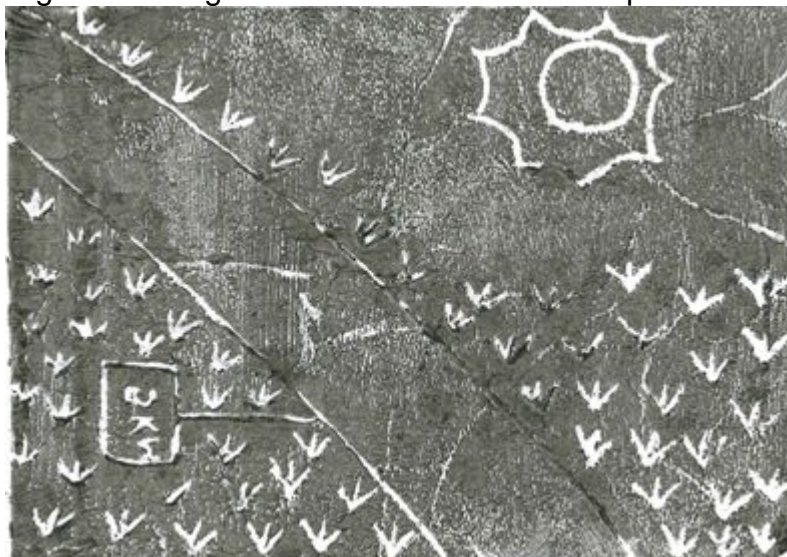
Enfrentando o que viesse  
 Eu na lavoura cresci  
 Bem diferente de hoje  
 Naquela época vivi  
 Ainda bato no peito  
 Me sentindo satisfeito  
 Da roça não desisti

Hoje fazendo os meus versos  
 Eu vivo mais sossegado  
 Muito orgulhosos por ver  
 Filhos e filhas formados  
 Minha irmã freira distante  
 Rezando por mim constante  
 Me deixa menos estressado

Como era diferente  
 Do que hoje está se vendo  
 Aparecem certas coisas  
 Algumas eu não entendo  
 Nova civilização  
 E também evolução  
 Assim eu paro dizendo

A seguir apresenta-se as xilogravuras produzidas pelos alunos:

Figura 7 – Isogravura: a história de vida do poeta 1



Fonte: Equipe 1 – Dados primários

Figura 8 – Equipe 1



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Esta equipe retratou o passado de vida do artista na figura 7 em xilogravura, através de uma estrada rodeada de plantações, florestas, com o sol iluminando o caminho e uma placa indicando a distância da escola. O grupo teve esta percepção.

A ilustração mostra como era o plantio e a vida na roça. Esta xilogravura remete a imagem de como era a cultura da família camponesa. Conforme se observa no comentário dos alunos, havia grandes dificuldades de locomoção para se chegar à escola.

Este desenho mostra o passado, como era o tempo de antes. Com isso podemos perceber que antigamente não havia asfalto e nem ao menos estradas bem arrumadas, era como se fosse um carreiro, onde as pessoas afundavam para passar, mas, era cheio de mato a escola era muito longe não havia ônibus nem meio de locomoção escolar, os alunos tinham que ir a pé até a escola, alguns demoravam a chegar, pois trabalhavam na roça e depois iam para a escola a 5 km era a estrada mais próxima, onde os alunos iam estudar. Alguns professores eram sempre bravos e com régua enormes nas mãos. (Equipe 1).

Figura 9 – Xilogravura: a história de vida do poeta 2



Fonte: Equipe 2 – Dados primários

Figura 10 – Equipe 2



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

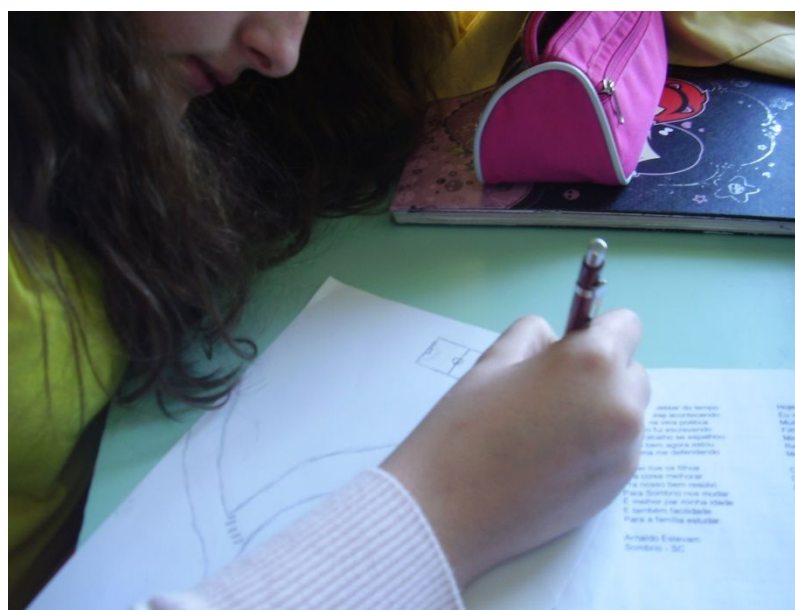
A equipe 2 teve uma percepção diferente da equipe anterior. Esta equipe desenhou uma casa simples do campo, montanhas nos fundos, muitas nuvens e o sol iluminando a paisagem. Ao lado da casa uma horta e árvores frutíferas, como se imagina uma propriedade no meio rural.

Figura 11 – Isogravura: a história de vida do poeta 3



Fonte: Equipe 3 – Dados primários

Figura 12 – Equipe 3



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

A equipe 3 teve uma visão um pouco diferente das outras duas equipes em relação à história de vida do poeta. Eles ressaltaram as dificuldades que os moradores do campo tinham para conseguir sobreviver. Com estradas em péssimas condições, parecendo “carreiros”, tinham que ir até a cidade para conseguir vender e comprar as coisas que não produziam. Primeiro, porque a sede do município ficava muito distante e segundo, os produtos comercializados eram vendidos por um preço baixo e os que necessitavam tinham preço muito elevado. Foi retratado na xilogravura que a escola ficava longe da residência, por isso, o poeta precisava fazer uma longa caminhada. Não havia transporte escolar como tem hoje em dia.

A partir das atividades desenvolvidas pelos alunos, xilogravuras e os respectivos comentários, pode-se concluir que a mesma história é possível ser trabalhada por diversas equipes. Os resultados, como foram apresentados acima, mostram os diferentes olhares e interpretações que uma história pode gerar por meio do trabalho em equipe. Desta forma se constata que a literatura e o cordel podem ser grandes aliados na educação em Artes.

### **5.5 SEGUNDA HISTÓRIA: O PLANO DO CABOCLO**

A segunda história contada pelo poeta na sala de aula falava de um caboclo que sempre fazia planos para se dar bem na vida. Tinha muitas ideias, mas o problema era que somente planejava e seus planos nunca se concretizavam, porque ficavam somente na imaginação. A história foi contada pelo poeta como segue abaixo:



Sentado à beira do fogo  
 O caboclo fazia plano  
 Desiludido da vida  
 Com todo peso dos anos  
 De tanto já ter sofrido  
 Só restava o desengano

Enquanto o fogo ardia  
 Naquele velho fogão  
 Com o palheiro na boca  
 E assoprando o tição  
 Pensando sempre num jeito  
 De mudar a situação

Vai ideia vem idéia  
 Até que pensou num jeito  
 Quem sabe fazendo assim  
 Podia surtir efeito  
 Enquanto sonhava ele  
 Se sentia satisfeito

A idéia que ele teve  
 Foi fazer uma armadilha  
 Pensou ir cedo ao mato  
 Procurar a melhor trilha  
 Para quem já sofreu tanto  
 Mais uma não me humilha

O que ele queria mesmo  
 Era pegar um veado  
 É que este tipo de caça  
 Tinha lá por estes lados  
 Já outros fazendo isso  
 Dinheiro tinham ganhado

E se pegar o veado  
 Já pensei bem o que faço  
 Se este plano der certo  
 Será o primeiro passo  
 Como sou bom trançador  
 Do couro eu tranço um laço

E depois do laço pronto  
 Pra vender é brincadeira  
 Com o dinheiro na mão  
 Vou usar minhas maneiras  
 Dou uma volta por ai  
 Compro uma porca criadeira

O moleque foi dizendo  
 O pai me dá um porquinho  
 O velho pega um cipó  
 E vai perdendo o carinho  
 Pra não judiar do leitão  
 Vai sovando o coitadinho

Continuando seu plano  
 Preparando a armadilha  
 Vender a porca e os leitões  
 Pra criar deixo uma filha  
 Depois com este dinheiro  
 Compro uma égua pra encilha

Moleque esfregando o olho  
 Falou pro pai com carinho  
 Se o pai comprar a égua  
 Quero montar o filhinho  
 Surrou o filho de novo  
 Pra proteger o potrinho

E a cabocla do lado  
 Ralando espiga de milho  
 Vendo o garoto chorando  
 Sentado sobre um lumbilho  
 Foi perdendo a paciência  
 Falando a favor do filho

Depois de falar um pouco  
 Joga de lado a pamonha  
 Vendo aquela palhaçada  
 Fica louca e se endemonha  
 Foi destratando o marido  
 Mandando criar vergonha

E foi ficando inteirada  
 Com aquele lero-lero  
 Depois foi se retirando  
 Ouvir bobagem não quero  
 E o plano do caboclo  
 Voltou tudo a estaca zero.

A seguir apresenta-se a xilogravura produzida pelos alunos:

Figura 13 – Isogravura: o plano do caboclo



Fonte: Equipe 4 – Dados primários

Figura 14 – Equipe 4



Fonte: Dados da pesquisadora

Acima o desenho em xilogravura feito pela equipe 4. Esta equipe fez comentários a respeito do desenho. Nesta segunda história, os alunos relataram que o caboclo estava sentado se aquecendo diante de uma fogueira, sentado em um tronco de madeira, fumando um cigarro de palha e pensando na vida. Para os

alunos o homem estava desiludido da vida do campo devido às dificuldades que é o trabalho na roça. Os alunos se manifestaram sobre a história da seguinte forma: “Este desenho é uma pessoa de idade pensando na vida, fumando um cigarro de palha sentado num tronco e lá estava pensando no mundo”. (Equipe 4).

Neste sentido é que pode-se trabalhar a história da arte. Apenas uma imagem pode nos remeter a várias interpretações, por isso, a arte nos contagia e nos desperta a vários sentidos, emoções, enfim a arte está dentro de cada um de nós.

## **5.6 TERCEIRA HISTÓRIA: O SONHO**

Na terceira história, o poeta contou um de seus sonhos. Ele relatou que certa noite sonhou que tinha morrido e ao chegar ao céu encontrou com alguns santos que falaram de algumas pessoas já falecidas de Sombrio. Eram personalidades ilustres da cidade, como são os exemplos dos Padres João Reitz, Huberto e Ludgero, que durante muito tempo foram párocos da cidade. E também os casos dos prefeitos José Tiscoski e José João Scheffer e do Catarina, que era uma pessoa muito popular por ser um contador de causos e músico. Como também a dona Siberina, uma senhora muito popular da cidade, ligada à religião.

Esta história do sonho foi contada em versos, pelo poeta, para os alunos, da seguinte forma:



Eu tive um sonho estranho  
 Em uma noite passada  
 Sonhei que eu tinha morrido  
 E no céu dei uma chegada  
 São Pedro abriu a porta  
 Me pediu a papelada  
 Passou no computador  
 Depois me – disse senhor  
 Aqui tem coisa errada

Falei são Pedro não pode!  
 Faço tudo direitinho  
 Minha esposa e meus filhos  
 Sempre trato com carinho  
 Rezo o terço toda noite  
 Respeito bem meus vizinhos  
 E pra regar minhas ceias  
 Vez enquanto volta e meia  
 Eu bebo um copo de vinho

Me mandou para são Miguel  
 É o homem da balança.  
 Ele pesa teus pecados  
 E tira as desconfianças  
 São Miguel falou pra mim  
 Tua ficha tem lambança  
 Pedi para me ajudar  
 Se queres pode me dar  
 Um voto de confiança

Eu falei sou rimador  
 Tenho um grande repertório  
 E ele com ar de graça  
 Ajeitou o suspensório  
 Me mandou pra outra sala  
 Conversar com são Gregório  
 Ele olhou a papelada  
 Depois disse – camarada  
 Teu lugar é purgatório

Eu disse para são Gregório  
 És meio conversador!  
 Nunca gosto de escutar  
 Secretario de doutor  
 Na verdade estou querendo  
 Falar com o mestre senhor  
 Depois com ele converso  
 Quem sabe gosta dos versos  
 Me aceita como escritor

Em seguida fui prum lado  
 Lamentado minha sina  
 Vi amigos e parentes  
 Dobrando numa esquina  
 Bem longe tava o Zé Scheffer  
 De prosa com o Catarina  
 E lá perto de um bosque  
 Esteava o seu Zé Tiscoski  
 Falando com Siberina

Muitos estavam rezando  
 Devotamente contritos  
 Lá não tem fome nem guerra  
 Nem injustiça e conflito  
 Todos confraternizados  
 O gozo é mesmo infinito  
 Nosso mundo tem maldade  
 Violência e falsidade  
 Lá é tudo mais bonito

Voltei falar com são Pedro  
 Pedi bastante atenção  
 Disse a ele-aqui no céu  
 Eu tenho algum pistolão !  
 Padre Huberto e Ludgero  
 Padre Erval, Padre João  
 São todos meus conhecidos  
 E me vendo arrependido  
 Eles vão me dar a mão

Nesta hora vi os padres  
 Vinham chegando pra perto  
 Padre João nem olhou  
 Dando uma de esperto  
 Então todo meu problema  
 Eu contei pro padre Humberto  
 Me perguntou por sombrio  
 Depois disse- fica frio  
 Que no fim dá tudo certo

Com a força do padre Huberto  
 Fiquei bastante faceiro  
 Sentei para descansar  
 Tinha andado o dia inteiro  
 Ouvi o coro dos anjos  
 Ao som de gaita e pandeiro  
 Nesta hora me acordava  
 Só então vi que estava  
 Babando no travesseiro

Esta história foi contada pela equipe 5, através de desenho em xilogravura, conforme segue abaixo:

Figura 15 – Isogravura: o sonho I



Fonte: Equipe 5 – Dados primários

Figura 16 – Equipe 5

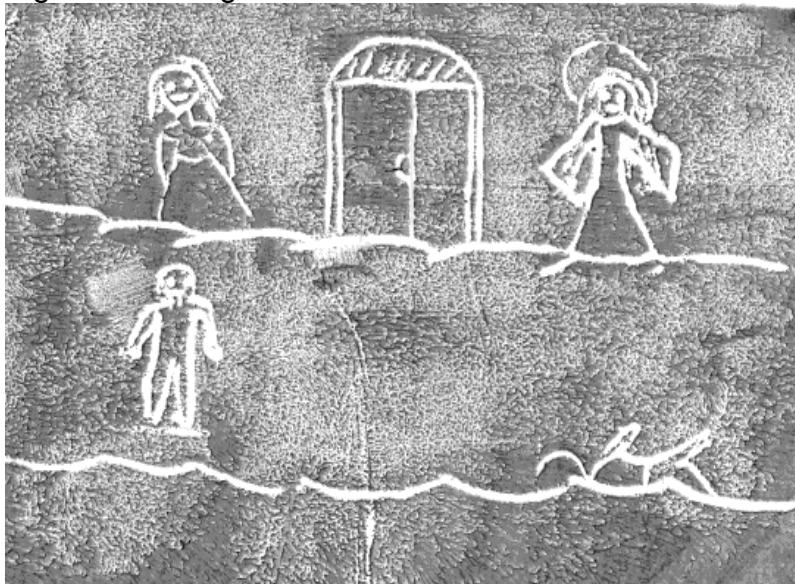


Fonte: Arquivo da pesquisadora.

A equipe 5, da terceira história, o sonho, desenhou um quarto com uma janela, uma porta, uma cama e uma pessoa deitada. Este grupo interpretou a história do Arnaldo Estevam contando que tinha ido ao céu, mas quando acordou era apenas um sonho.

Esse desenho foi ilustrado em uma história que o nosso grupo gostou muito. Esta história falava que o poeta Arnaldo Estevam teve um sonho com um padre tinha ido ao céu, mas quando Arnaldo acordou era apenas um sonho. (Equipe 5).

Figura 17 – Isogravura: o sonho II



Fonte: Equipe 6 – Dados primários

Figura 18 – Equipe 6



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Este grupo foi formado somente por meninos que interpretaram o sonho do poeta construindo outra história imaginária acontecida com eles. Contaram que certa noite bateram o carro e acordaram no céu, um anjo perguntou se queriam ir para o céu ou para o inferno. Eles decidiram ver os dois lados: primeiro foram para o céu e depois para o inferno. No inferno havia muita bebida e mulheres bonitas. No céu tinha refrigerantes e também mulheres lindas. De repente acordaram e estavam no hospital, tinha sido apenas um sonho, conforme segue:

Uma noite aconteceu que eu bati o carro, eu acordei no céu, um anjo me falou se eu queria ir para o céu ou para o inferno. Eu decidi ver os dois lados, eu fui para o céu e para o inferno, no inferno havia bebedeiras e mulheres lindas. No céu existia coca cola e também mulheres lindas, de repente eu acordei e estava no hospital eu só tive um sonho (Equipe 6)

Este grupo interpretou a história adaptada a sua idade. Neste sentido, para Oliveira (2007), a arte como criação livre da mente humana,

[...] não explica um mundo independente, mas reflexiona sobre a experiência do sujeito no mundo em que vive, e oferece distintas maneiras de explicar o entorno no qual sujeito e obras estão imersos. (p.163).

A arte esta presente no ser humano através do seu pensar, olhar e sentir assim vem transformando novas gerações. Propõe novos olhares, onde sujeito e obra percorrem juntos na mesma direção.

## 5.7 A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE CULTURA POPULAR

A atividade final com os alunos foi responder a uma pergunta sobre o que eles entendiam por cultura popular. Para responder esta questão não foi definido nenhum conceito do que seria cultura popular. A intenção foi verificar o que eles entendiam sobre o tema. As respostas obtidas demonstram uma compreensão de cultura que é o que passa de geração para geração. Conforme segue abaixo, algumas das respostas que as equipes responderam por escrito:

*A cultura é o que passa de gerações, o nosso desenho mostrou como era antes a agricultura (Equipe 1).*

*Cultura soa recordação das festas antigas ficando marcadas na nossa história. (Equipe 2)*

*Cultura para nós são coisas que podem passar o tempo que não apaga o seu valor. (Equipe 3)*

*Cultura são recordações de fatos antigos ficando marcados na nossa história (Equipe 4)*

*Cultura*

*são coisas que a gente se lembra e ainda se faz hoje (Equipe, 6).*

Cultura popular para os alunos remete as lembranças do passado, como as festas populares e os fatos ocorridos que marcaram a vida das pessoas, e hoje ainda são lembradas. Porém a compreensão da maioria dos grupos é bastante limitada, ficando apenas nas festas e não retratando outras manifestações culturais, como é o caso da própria literatura de cordel muito tradicional no município de Sombrio. Isto demonstra que a escola não tem trabalhado com este tema frequentemente.

Todo este material produzido e percebido no campo amplia o olhar para a necessidade de, cada vez mais, a cultura local e regional esteja presente nas salas de aula, não só na aula de Arte, mas em de todas as áreas do conhecimento. E é a partir disso que trago minha proposta de docência.

## **PROJETO DE DOCÊNCIA**

### **TÍTULO**

A Literatura de Cordel e as aulas de Arte

### **JUSTIFICATIVA**

A partir dos resultados percebidos em meu projeto de pesquisa trago como proposta de docência uma oficina para os professores de Artes de Sombrio e região apresentando o artista Arnaldo Estevam a partir de seu trabalho em Literatura de Cordel, seus livros e arquivos de memória da cultura popular de Sombrio, e também a técnica da xilogravura e seu percurso na arte.

### **OBJETIVO GERAL**

Ampliar o olhar Artístico/Cultural dos profissionais da arte a partir das experiências construídas por meio da linguagem da Literatura de Cordel e da xilogravura na cultura popular.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Apresentar a Literatura de Cordel do artista Arnaldo Estevam

Ampliar os conhecimentos sobre a cultura popular do município de Sombrio

Propor produções de cordel e de xilogravura com base na cultura popular

## **EMENTA**

Cultura Popular. Literatura de Cordel sua história e seus artistas. Artista Arnaldo Estevam e sua produção em Sombrio. A xilogravura na arte. As aulas de arte e a cultura regional.

## **PROPOSTA DE CARGA HORÁRIA**

**Horas-aula:** 08

**Público alvo:** Professores de Arte da rede municipal de educação de Sombrio e Região.

## **METODOLOGIA**

Proponho uma oficina de experiência estética por meio da produção de xilogravuras e versos em Cordel inspirados na obra do artista Arnaldo Estevam, assim como da fala do mesmo em visita ao grupo contando sua experiência de cordelista sombriense.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando a pesquisa, destaca-se na primeira parte a função da Universidade para com os educandos que está no artigo 43 da LDB (Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional) - Lei 9394/96, ao estabelecer que a Educação Superior tem como finalidade promover a divulgação do conhecimento, estimular o reconhecimento dos problemas do entorno universitário e possibilitar o diálogo permanente com a população, indica a necessidade da ação Integrada do tripé: ensino, pesquisa e extensão

Desta forma a educação superior tem por finalidade promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos que constituem patrimônio da humanidade. É neste sentido que este trabalho está inserido, pois trabalhar a literatura de cordel, através da xilogravura foi uma experiência muito positiva para resgatar a cultura popular. Os alunos não tinham conhecimento da literatura de cordel e nem trabalhado a história da xilogravura. Ficaram curiosos com a forma em que foram contadas as histórias de cordel pelo poeta e com a cultura popular na prática da xilogravura.

Trabalhar as manifestações populares como a literatura do cordel deveriam fazer parte das propostas da escola como forma de preservar e resgatar a identidade local, na qual a escola está inserida. No entanto, sabe-se que muitas escolas não utilizam a cultura popular de forma criativa no ensino, preferem utilizar os materiais didáticos já elaborados do que as manifestações populares. Muitos professores preferem trabalhar com outras realidades que não as do aluno, tornando a escola um ambiente estranho para eles. Um grande passo seria construir seus próprios projetos com a comunidade e fazendo ligação com o PPP da escola. Não se quer dizer que os materiais didáticos não são necessários, mas é preciso fazer uma nova reflexão para trabalhar a realidade local, de acordo com as pessoas inseridas na comunidade.

Desta pesquisa deixa-se, como sugestão, que nas disciplinas de Arte deve-se proporcionar ao aluno o ensino da cultura popular, para que as escolas percam o estigma de que o ensino da arte se limita em pintar e desenhar. Que possam desenvolver a criatividade dos educados.

Uma das insatisfações do poeta é a falta de reconhecimento social da profissão e das escolas com a cultura local. Esta pesquisa de campo pode constatar a importância do trabalho do artista em preservação à cultura popular narrados através de seus versos, mantendo viva a memória do povo simples.

Trabalhar a literatura de cordel através da xilogravura foi uma experiência muito positiva. Os alunos ainda não tinham trabalhado com xilogravura e nem com a literatura de cordel, mesmo assim, houve grande interesse por parte dos educandos, pois os temas tratados tinham relação com suas origens e a dos seus antepassados. Pode-se perceber que trabalhar a xilogravura em sala de aula foi prazerosa, despertou a produção, a imaginação, a percepção e a criação dos alunos. Desta forma pode-se, através desta experiência, proporcionar aos educandos diferentes formas de desafios com a disciplina de arte.

Proponho aos professores que o estudo da arte seja uma ferramenta para criarmos novas vivências num mundo globalizado.

Como proposição para um ensino de qualidade em arte, acredito que todo o professor deve ser um eterno pesquisador, tendo em vista que é por meio da pesquisa que professores e alunos aperfeiçoam seus saberes. Os alunos apresentaram dados ricos e importantes para a construção deste estudo que aponta para as incertezas na prática dos professores, com relação aos conteúdos que devem ser desenvolvidos na disciplina de arte, conforme prevêem os documentos norteadores da educação brasileira. Contudo, finalizo essa pesquisa sem apontar culpados ou julgar situações: o importante é construir propostas que levem a um futuro promissor.

[...]

**A**ntes de terminar  
**R**esta então me despedir  
**N**ão despreze meu trabalho  
**A**qui eu quero pedir  
**L**eia e preste atenção  
**D**ando a mim satisfação  
**O**rgulho posso sentir.

**E**ntão aqui meus amigos  
**S**empre com muito cuidado  
**T**ermino este trabalho  
**E**ntre tantos terminados  
**V**alorizando o que faço  
**A** todos deixo um abraço  
**M**e sentindo aliviado.



(ESTEVAM, 2011)

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER Martin W. e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 11 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990. 131 p.

ESTEVAM, Arnaldo. **Doutor Barroso e outros causos em versos**. Sombrio- SC: Vetor, 1998.

\_\_\_\_\_. **Arnaldo e suas poesias**. Sombrio- SC: Vetor, 1999.

\_\_\_\_\_. **Mistura do real ao imaginário: em poesias humorísticas**. Sombrio- SC: Vetor, 2000.

FARIAS, Vilson F. **Sombrio: 85 anos de história e cultura**. Sombrio: Ed. do Autor, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Conscientização**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008. 158 p.

JORGE, Alice; GABRIEL, Maria. **Técnicas de gravura artística: xilogravura, linóleo, calcografia, litografia**. 2ª. ed. São Paulo: Livros Horizonte, 2000 187 p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 117 p.

LDB. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Belo Horizonte: APUBH, 1996.

MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa e GUERRA, Maria T. T. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1988.

MAXADO, Franklin. **Cordel: xilogravura e ilustrações**. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

MINAYO, Maria Cecília de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

OSTETO, Luciana E. e LEITE, Maria I. **Arte, infância e formação de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2004

PCNS. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Apresentação dos temas transversais e ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PCNS. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. **Reflexões sobre o ensino das artes**. Joinville, SC: Ed. UNIVILLE, 2001.

STAMM, Eliana. O tridimensional no desenvolvimento infantil. In: PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte (Org.). **Linguagens da arte na infância**. Joinville, SC: Univille, 2007

TREVI, Carlos. **O universo do Cordel**. Recife – PE: Instituto Cultural do Banco Real, 2008.

## 7.1 REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Firmino Teixeira do Amaral. Disponível em:

[http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Firmino+Teixeira+do+Amaral&ltr=f&id\\_perso=816](http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Firmino+Teixeira+do+Amaral&ltr=f&id_perso=816). Acesso em 10 out. 2011.

IBGE. **Censo 2010 – IBGE Cidades @**. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em: 12 out. 2011.

PONTES, Marcos A. **A LITERATURA DE CORDEL COMO FONTE DE INCENTIVO NO ENSINO DE LITERATURA**. Disponível em:

<http://cordelparaiba.blogspot.com/search/label/CORDEL%20NA%20SALA%20DE%20AULA>. Acesso: 27 ago. 2011.

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC****UNAHCE**

Curso de Artes Visuais

**AUTORIZAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar da pesquisa proposta por Ednamar Fontana Vidotto sobre “Literatura de cordel e xilogravura no ensino da arte: com base na obra do artista Arnaldo Estevam” e sei que posso desistir de participar a qualquer momento, sem problema algum. Deixo que usem na pesquisa e mantenham guardadas na Unesc as minhas falas, as minhas imagens ou outros trabalhos feitos por mim.

\_\_\_\_\_ (assinatura da criança/jovem).

Eu, \_\_\_\_\_, CI nº \_\_\_\_\_, residente em \_\_\_\_\_, autorizo meu/minha filho/filha \_\_\_\_\_, A participar da pesquisa proposta por Ednamar Fontana Vidotto, da Unesc, sobre “Literatura de cordel e xilogravura no ensino da arte: com base na obra do artista Arnaldo Estevam”. No período de 22/09 a 29/09/2011. Autorizo, ainda, que sejam feitas imagens a partir de câmara digital das atividades realizadas, para uso da pesquisa e para fazer parte do acervo mantido pelo curso de Artes Visuais – Licenciatura.

Por ser verdade, firmo o presente.

Sombrio, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_.

---

(Assinatura)